

## A dimensão biográfica na formação docente continuada: transformações e complexidades

### The biographical dimension in continuing teacher education: transformations and complexities

### La dimensión biográfica en la formación docente continua: transformaciones y complejidades

1

Guilherme José Senem<sup>1</sup>  
Allan Henrique Gomes<sup>2</sup>  
Gabriela Kunz Silveira<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo compreender como os professores se relacionam com suas memórias, significando e dando forma às suas experiências, construindo uma consciência de si e de seus aprendizados durante o percurso de vida e formação, por meio dos processos de biografização. Para tanto, aprofundou em conceitos pertinentes a partir de uma revisão de literatura e analisou entrevistas realizadas no projeto PERFORMA. As entrevistas fazem parte de um acervo constituído por áudios e narrativas escritas de um projeto que faz percursos formativos com professores da rede pública. Há o destaque para a não cronologia observada nas narrações, o potencial de vínculo produzido pela atividade biográfica, a temporalidade da memória e o caráter formativo da narrativa biográfica como ferramenta na formação docente. Concluímos que a dimensão biográfica na formação docente continuada é um instrumento proveitoso para entendermos diversos aspectos da vida de professores, contribuindo também como ferramenta formativa.

**Palavras-chave:** Biografia. História de vida. Formação docente. Psicologia. Identidade.

**Abstract:** The aim of this article is to understand how teachers relate to their memories, signifying and shaping their experiences, building an awareness of themselves and their learning throughout their life journey and formation, through the processes of biographical reflection. To this end, it delved into relevant concepts through a literature review and analyzed interviews conducted as part of the PERFORMA project. The interviews are part of a collection made up of audio recordings and written narratives from a project that carries out formative courses with public school teachers. The non-chronological nature of the narratives is highlighted, as is the potential link produced by biographical activity, the temporality of memory and the formative nature of biographical narrative as a tool in teacher education. We conclude that the biographical dimension in continuing teacher education is a useful tool for understanding various aspects of teachers' lives, and also contributes as a formative tool.

**Keywords:** Biography. Life story. Teacher education. Psychology. Identity.

<sup>1</sup> Graduado em História. Universidade da Região de Joinville. <https://orcid.org/0009-0003-2666-2029>. E-mail: [senem.guilherme@outlook.com](mailto:senem.guilherme@outlook.com)

<sup>2</sup> Doutor em Psicologia. Universidade da Região de Joinville. <https://orcid.org/0000-0001-5366-8600>. E-mail: [allanpsi@yahoo.com.br](mailto:allanpsi@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Mestre em Psicologia Social e Institucional. Universidade da Região de Joinville. <https://orcid.org/0000-0002-2481-4450>. E-mail: [g.kunz@univille.br](mailto:g.kunz@univille.br)



**Resumen:** El objetivo de este artículo es comprender cómo los profesores se relacionan con sus recuerdos, significando y dando forma a sus experiencias, construyendo una conciencia de sí mismos y de su aprendizaje durante su vida y su formación, a través de los procesos de biografización. Para ello, profundiza en conceptos relevantes a través de una revisión bibliográfica y analiza entrevistas realizadas en el marco del proyecto PERFORMA. Las entrevistas forman parte de una colección compuesta por grabaciones de audio y narraciones escritas de un proyecto que lleva a cabo programas de formación con profesores de escuelas públicas. Se destaca el carácter no cronológico de las narraciones, el vínculo potencial que produce la actividad biográfica, la temporalidad de la memoria y el carácter formativo de la narrativa biográfica como herramienta en la formación de profesores. Concluimos que la dimensión biográfica en la formación permanente del profesorado es una herramienta útil para comprender diversos aspectos de la vida de los docentes, además de contribuir como herramienta formativa.

**Palabras-clave:** Biografía. Historia de vida. Formación del profesorado. Psicología. Identidad.

**Submetido 11/04/2024**

**Aceito 19/08/2024**

**Publicado 23/09/2024**

## Introdução

Todos temos uma história para contar e essas experiências de vida são dotadas de uma diversidade de questões, tendências e sentimentos. Nossas vivências e condições materiais nos formam como seres humanos e moldam nossa noção da realidade, nossa visão de mundo. São tão complexas que não podemos sequer contá-las completamente a outrem. Mas quando compartilhamos algum fragmento dela expomos muito mais do que uma simples narrativa ou sequência de acontecimentos, expressamos diversos aspectos de nossa vida que podem ser capazes de engrandecer a experiência de quem entra em contato com ela. Essas experiências são compartilhadas pela exposição do processo biográfico, que abre a possibilidade de organizar nossas ideias acerca da nossa vida e das nossas vivências, mas que também, quando compartilhado, pode afetar as noções de vida de outras pessoas.

Isto posto, de acordo com Tenório (2020, s/p), as experiências de qualquer professor são “um patrimônio intelectual, social e estético” e a vida de cada um deveria virar um filme. O professor, como um sujeito que entra em contato direto com a formação de outros seres, sendo constantemente desafiado a superar desafios teóricos e metodológicos da docência, além das dificuldades materiais da carreira de professor no Brasil, é um ser que possui uma história de vida que expõe a sociedade em que vivemos e suas relações políticas e históricas. A vida desses profissionais, portanto, são riquíssimas para a formação de outras pessoas, mas especificamente para a formação de outros professores, que dividem vivências relativas. O tema aqui posto se trata da biografia como ferramenta na formação continuada de professores, compreendendo desde a sua escolha pela docência, sua formação, até sua atuação, conforme seu contexto e suas particularidades.

A pesquisa proposta teve como objetivo principal compreender como os professores se relacionam com suas memórias, significando e dando forma às suas experiências, construindo uma consciência histórica de si e de seus aprendizados durante o percurso de vida e formação, por meio dos processos de biografização. Buscou-se também delimitar as implicações desta atividade em contextos de formação de professores que explorem as diversas dimensões da atuação docente.

Concebe-se que é importante para nossa formação como docentes e também cidadãos o ato de contemplar a biografia do outro, pois, durante o contato, sentimos que somos tocados e

criamos identificações, refletindo sobre nós mesmos a partir da história de outrem, neste caso também, humaniza e reforça a profissão de professor e sua importância para a sociedade. Ademais, também importa o ato de produzir sua própria biografia, pois resgata os propósitos e significados perdidos ou adormecidos, permite uma reflexão sobre si mesmo e avigora nossas singularidades. A construção de sua biografia em um contexto de formação significa reivindicar uma certa imagem de si mesmo, uma identidade e um local, imagem essa que provoca um conjunto de efeitos sobre nós como orientação de nossas ações, mas também sobre os outros com base em quem dizemos que somos (Brandão; Germando, 2009, p. 7). Além disso, ambas as atividades funcionam como uma ferramenta para discussão acerca da profissão professor, permitindo a reflexão também sobre nossa atuação e as mudanças que o processo de educar vem sofrendo.

É pertinente reiterar o fato de que a pesquisa ocorre no imbricamento multidisciplinar entre um aluno de licenciatura em história, que no decorrer de dois anos foi participante em um projeto de formação continuada, coordenado e orientado por professores da Psicologia, ocasião em que foi definida a possibilidade do trabalho com a dimensão biográfica presente no percurso formativo justamente pelos conceitos de oralidade, temporalidade, narrativa e memória, uma vez que se faria possível o diálogo entre as duas áreas do conhecimento dos coautores.

Será analisado o primeiro de cinco eixos temáticos de um percurso de formação continuada que busca abordar os diversos núcleos da experiência docente. São eles: biográfico; trabalho; conceitual; estético e coletivo. Em cada um dos encontros, os professores são convidados a desenvolver atividades específicas de cada núcleo, sendo o eixo biográfico baseado em uma entrevista semiestruturada sobre a história de vida dos docentes, percorrendo algumas perguntas base: como o entrevistado tornou-se professor, como foi seu percurso acadêmico e quais foram suas referências para tornar-se professor. O fato de ser o primeiro eixo ocorre pelo entendimento de que ele é fundamental para a formação do vínculo entre o entrevistado e o pesquisador assistente. O acervo do projeto é constituído por arquivos audiovisuais das entrevistas biográficas em sua totalidade, bem como narrativas e transcrições escritas de cada entrevista realizada. É nesse acervo que nós nos debruçamos com o objetivo de encontrar uma materialidade dos conceitos estudados por meio da bibliografia, não necessariamente produzindo e contribuindo com o acervo, mas mergulhando nos documentos

já produzidos por outros pesquisadores assistentes do projeto que desenvolveram o percurso anteriormente.

## **Percurso metodológico**

A efetivação dessa pesquisa passou por algumas fases. A primeira delas foi a familiarização e a participação no projeto ao qual estava vinculado, entrando em contato com as atividades em andamento e já concluídas, participação de reuniões e o contato com o acervo. Uma aproximação necessária tendo em vista a dimensão multidisciplinar do projeto, definindo o eixo biográfico como foco da pesquisa. No segundo momento, ocorreu o convite para a busca de relações e embasamento para tratar o âmbito da pesquisa biográfica e as narrativas de história de vida na literatura de História e Psicologia, desenvolvendo um intercâmbio de textos entre os envolvidos. A revisão de literatura para o aprofundamento conceitual foi realizada por intencionalidade, ou seja, foram sendo buscados artigos e livros na temática da biografia docente e, a partir desse levantamento inicial, verificou-se os textos com contribuições conceituais e metodológicas que pudessem aprofundar a compreensão/possibilidades da atividade biográfica na formação docente continuada. São exemplos desses conceitos estudados: Biografia, Histórias de Vida, Pesquisa Narrativa, Memória e Identidade Docente.

Depois, outro momento da pesquisa aconteceu entrando em contato com entrevistas e transcrições do acervo do projeto PERFORMA<sup>4</sup>. A análise é um reflexo desse processo de trânsito analítico multidisciplinar, assim como os conceitos estudados serão vistos na prática nas falas dos professores. Foram escolhidos os acervos dos anos de 2020 e 2021, sendo que o acervo de 2020 continha 62 arquivos de texto e 74 gravações (áudio e vídeo), e o acervo de 2021, 164 arquivos de texto e 150 gravações (áudio e vídeo). Dentro dessas possibilidades, elencamos alguns critérios para a escolha das entrevistas que seriam utilizadas, sendo eles: possuir ambos os documentos (gravações e arquivos de texto); as entrevistas com mais conteúdo e tempo de duração; e os entrevistados com mais tempo de experiência como docente. Selecionamos quatro entrevistas de cada ano, ou seja, oito entrevistas no total, contendo arquivos de texto e áudio, de professores e professoras da rede pública de ensino.

---

<sup>4</sup> Parecer consubstanciado do CEP número 4.357.090

Durante a análise das entrevistas, o foco não necessariamente foi o conteúdo da história de vida de cada entrevistado/a em si, mas a forma como a entrevista biográfica atuava. Entendendo que a elaboração de uma narrativa biografia se desenvolve na relação entre memória e esquecimento, bem como tende a ser um construir, uma identidade/consciência de si por meio da organização de suas experiências, a investigação sobre as entrevistas deve partir de “como” é contada cada história e qual o efeito desta narração a quem a realiza.

Vale pontuar que cada professor/a participante recebeu um nome fictício durante as análises de suas narrativas, tanto para preservar suas identidades quanto para organizar melhor a compreensão dos recortes trazidos no texto.

## **Entrevistas como ponto de partida**

Como já mencionado, a pesquisa está inserida dentro de um projeto, o PERFORMA. Aqui, a biografia é vista como o primeiro passo dentro de vários encontros formativos que constituem cinco eixos que valorizam a experiência docente e as vivências particulares de cada participante. De forma resumida, cada eixo propõe uma série de atividades com os professores/as dentro de seus objetivos formativos, sendo o primeiro eixo denominado como “biográfico”, uma entrevista semiestruturada sobre a história de vida do/a participante; o segundo foi chamado de “trabalho”, que discute as práticas docentes; o terceiro foi o “conceitual”, que trouxe conceitos para a esta discussão, o quarto foi o “estético”, que buscou ampliar essa reflexão com atividades de produção de materiais artísticos, e o “coletivo”, quinto e último eixo, a partir do qual os participantes compartilham suas reflexões após integrar o projeto.

Nos encontros, apesar de serem construídos conceitualmente e metodologicamente, acompanhados dos pesquisadores assistentes, quem constitui as atividades de fato são os próprios professores/as individualmente ou coletivamente. Desta forma, mais do que uma etapa do processo formativo por si só, o eixo biográfico também beneficia o desenvolvimento dos demais eixos, pois todos buscam significar as experiências de vida e as trajetórias profissionais próprias de cada participante. A narrativa biográfica produzida na entrevista é um dos produtos que o/a professor/a vai desenvolver, e que vai se manter presente ao longo do percurso seguinte, também fortalecendo a formação de vínculo entre o participante e o pesquisador na medida em

que a entrevista vai assumindo caráter de conversa e de troca entre os interlocutores (Bragança, 2018, p. 75).

Entre as entrevistas analisadas, destacamos alguns pontos em comum que materializam essas considerações. Primeiro, não há cronologia na forma como são contadas as experiências. Não seguem as datas do calendário na ordem de acontecimentos. A narrativa possui uma sequência de fatos com base na intenção que o narrador escolhe para contar sua história. Como no exemplo do Prof. Quartzo, que contou como se tornou professor por intermédio dos exemplos que teve na profissão e que as pessoas que citou foram sendo lembradas conforme a narrativa ia se desenvolvendo: “Ah! Eu até esqueci de citar uma coisa. É porque assim, eu também tenho tias professoras, só que... só que elas são professoras de séries iniciais” (Prof. Quartzo, 2021).

Seguiu também o andamento da conversa, respondendo às perguntas provocadoras e transitando entre o tempo e espaço, conforme lembrava. Queiroz (1988, p.19) explica que as histórias de vida não seguem uma linha reta de tempo, devido a isso, “o bom pesquisador não interfere para estabelecer cronologias, pois sabe que também estas variações no tempo podem constituir indícios de algo que permitirá a formulação de inferências”. Apesar dessa não interferência na cronologia e na narrativa contada, a participação do pesquisador é indispensável quando compreendemos que este processo é coletivo. Vale frisar que a relação de conversa e troca de experiências permite novas reflexões ao narrador, lembrando de momentos que passaram despercebidos nos primeiros recortes que fez de suas lembranças. É preciso mencionar ainda que a identidade constituída na narração é certificada por quem ouve. Tal como explicitado por Delory-Momberger (2014, p. 338),

[...] as narrativas de vida produzidas na interação entre os membros do grupo tornam-se o lugar de uma objetivação coletiva; para que os que estão ao seu redor, o autor da narrativa pode ser identificado com o objeto de linguagem que ele constrói e que ele se dispõe a partilhar com os membros do grupo. E é este objeto construído que o grupo devolve ao sujeito, certificando-o assim de sua identidade constituída.

Na entrevista com o Prof. Ruby, notamos essa construção coletiva na narrativa em dois momentos. Durante a fala sobre formação acadêmica, ao final ele também perguntou à

entrevistadora sobre a formação acadêmica dela, ocorrendo uma troca de experiências. Em outro momento, notamos uma troca diferente quando falou: “Não sou novo não, minha filha, já estou amarrando a chuteira [risadas]” (Prof. Ruby, 2020). Na entrevista com a Prof. Safira (2020), essa troca ocorreu por meio do relato a respeito do seu trabalho com libras, quando em dois momentos a entrevistadora comentou sobre suas experiências a respeito do tema, e sobre como foi importante essa conversa para contribuir com sua carreira. Isso se fez importante na conversa, pois, no primeiro momento da entrevista, a professora estava respondendo às perguntas norteadoras de forma objetiva e direta. Depois da troca e da conversa entre ambas, houve um alívio por parte da entrevistada que, por sua vez, discorreu mais livremente sobre sua história de vida, sem prender à objetividade das perguntas. Essa troca de experiência também aconteceu no relato com a Prof. Esmeralda (2020), pois ela e o entrevistador estudavam a mesma área de atuação.

Quanto ao vínculo entre professor participante e pesquisador, como havíamos falado anteriormente, para Thompson (2005 *apud* Santos, 2016, p. 27), esse testemunho oral “traz consigo a possibilidade de aproximar as pessoas e criar novas formas de ver o mundo. Permite que haja conexões entre vidas, articulando áreas que, por vezes, os documentos separam”. Como foi possível ver nos pontos em comum das entrevistas, com o andamento da conversa, os participantes dela vão “se soltando”, falando mais livremente e criando um vínculo por meio das experiências compartilhadas. Especificamente na entrevista com a Prof. Safira (2020), notamos um anseio por contar sua história e ter alguém para ouvi-la. Falava coisas além do que havia sido perguntado, e relatava experiências que teve em sala de aula. Ao final da entrevista, a professora falou que gostou muito da conversa, com um tom de alívio por poder se expressar sobre sua carreira e trajetória, mas também sobre sua vida particular, dificuldades e vitórias no seu percurso de vida. Algo que possivelmente gosta de fazer, mas não tem abertura em outras situações.

### **A temporalidade da memória**

Talvez um dos conceitos mais importantes para se discutir biografias seja o conceito de memória. Cada campo possui suas particularidades e entendimentos específicos para analisar entrevistas biográficas, mas pensar uma interdisciplinaridade de conceitos sobre o processo

biográfico e a análise de fontes biográficas passa por compreender os entendimentos acerca da memória. Salienta-se que talvez uma de suas principais características seja a temporalidade.

O campo da história traz a grande contribuição para a discussão acerca da veracidade da memória e seus usos para a produção historiográfica. O próprio campo da história oral está mais focado em uma metodologia para a produção e/ou utilização de fontes orais na compreensão dos processos históricos. Autores como David Lowenthal, Michael Pollak, Pierre Bourdieu, entre vários outros, investigam a compreensão da memória e do esquecimento, memórias individuais e memórias coletivas, buscando novas compreensões do passado a partir de fontes antes não convencionais. A Psicologia, conforme Lima (2014, p. 19), busca na memória as particularidades que singularizam os indivíduos. Assim, objetivou-se entender como as pessoas lidam com suas memórias e, no caso da entrevista biográfica, como esse processo biográfico atua na vida de quem o faz. Partimos, então, da ideia de que os dois campos podem se complementar na compreensão de aspectos das entrevistas.

Antes de tudo, a memória, em seu princípio, pode ser compreendida na discussão biológica e natural como uma “habilidade” necessária para a sobrevivência atuando como peça fundamental para o processo de aprendizagem, sendo condição ou efeito desse processo (Silva; Sirgado; Tavira, 2012, p. 266). À medida que se desenvolve essa ideia, a partir da criação e assimilação de símbolos, a função biológica da memória na experiência humana

[...] torna-se uma função simbólica essencialmente dinâmica, que se faz no próprio funcionar, ou seja, no ato de lembrar, de rememorar e de recordar o passado e o futuro. Algo, entretanto, bem diferente daquela função mental estática que a psicologia tradicional conceituou (Silva; Sirgado; Tavira, 2012, p. 267).

A partir disso, a discussão avança, como em Vigotski (2007, 2008), trazendo duas ideias de memória: a natural, que está ligada ao ambiente externo e todos seus estímulos; e a memória mediada, que se liga com os signos por meio das palavras. Na segunda, temos uma diferenciação, pois as palavras são um conjunto de signos inerente à vida em sociedade e as práticas coletivas. Nesse sentido, mais que apenas individual, a memória possui seus aspectos coletivos. Por isso, apesar da memória ser intensamente pessoal em sua forma de consciência, sempre sentida como “algum acontecimento específico [que] ocorreu comigo” (Lowenthal,

1998, p. 78), ela possui intrinsecamente um reflexo do ambiente coletivo em que o indivíduo que relembra se encontra. Este coletivo, por sua vez, reproduz o contexto histórico-cultural daquele “espaço-tempo”. Portanto, a memória, o que relembramos e ressignificamos nesse processo biográfico, está diretamente ligado ao tempo presente de quem o faz e sua realidade social e material, sendo mutável caso uma destas variáveis mudem. Ela é própria e marcadamente individual e, justamente por isso, é histórico-cultural.

Não podemos deixar de frisar o esquecimento, fato presente nessa atividade de relembrar o passado e construir uma narrativa dele. Nas palavras de Lowenthal (1998), esquecemos a maioria das nossas experiências e isso é desejável e inevitável. Organizamos nossa memória classificando, combinando e descartando experiências a fim de melhorar a nossa compreensão do presente. Tal como complementa:

A função fundamental da memória, por conseguinte, não é preservar o passado, mas sim adaptá-lo a fim de enriquecer e manipular o presente. Longe de simplesmente prender-se a experiências anteriores, a memória nos ajuda a entendê-las. Lembranças não são reflexões prontas do passado, mas reconstruções ecléticas, seletivas, baseadas em ações e percepções posteriores e em códigos que são constantemente alterados, através dos quais delineamos, simbolizamos e classificamos o mundo à nossa volta (Lowenthal, 1998, p. 103).

E é justamente neste ponto que as fontes orais se fazem tão importantes e fascinantes. Elas não “recordam passivamente os fatos, mas elaboram a partir deles e criam significado através do trabalho de memória e do filtro da linguagem”, ou seja, “a memória, na verdade, não é um mero depósito de informações, mas um processo contínuo de elaboração e reconstrução de significado” (Portelli, 2016, p. 18).

Nas entrevistas analisadas, os aspectos discutidos sobre a memória ficam evidentes em vários momentos. A ideia de que a vontade de ser professor/a sempre esteve presente nas suas vidas foi um ponto em comum entre as entrevistas, mais especificamente com Prof. Diamante (2020), Prof. Safira (2020) e Prof. Ruby (2020). Essa certeza aparece nas narrativas de diversas formas, seja porque brincava de ser professor/a na infância, seja porque entende que essa já era sua “vocação” desde sempre, ou simplesmente vontade por admirar os docentes que passaram por sua trajetória, entre outros motivos. Ou seja, se fosse perguntado sobre a vontade de ser

professor para um desses entrevistados citados antes de entrar para a formação ou durante a graduação, provavelmente não seria obtida a mesma resposta em relação ao momento em que a narrativa foi respondida. Existiriam dúvidas, ou talvez outros objetivos, quem sabe até nem passasse pela cabeça do entrevistado. Entretanto, naquele momento, já formado, atuando há anos na profissão e tendo apreço por ela, os entrevistados olham para o passado procurando em suas lembranças situações que confirmem o que são no presente. A Prof. Safira (2020), por exemplo, contou que brincava de ser professora na infância, mas sem pretensão de seguir carreira, algo que neste momento acreditou ser o início de sua trajetória. Todavia, é possível compreender que certamente existem diversos casos de outras pessoas que, na infância, brincavam de ser professor, mas seguiram outros caminhos profissionais e nem sequer se recordam dessas brincadeiras, pois não se faz necessário para entender sua realidade presente. Não foi a brincadeira na infância que determinou seu futuro profissional, mas foi nesta lembrança que a narradora se apoiou para compreender sua identidade naquele instante. É o que diz Lowenthal (1998, p. 97), ao explicar que “quando recordamos, ampliamos determinados acontecimentos e então reinterpretemos à luz da experiência subsequente e da necessidade presente”.

Da mesma forma, podemos preestabelecer que, no futuro, se for realizada a mesma entrevista com os mesmos professores entrevistados, provavelmente a narrativa que nos contarão sobre sua história de vida será diferente. Não necessariamente a história mudará, mas sim a forma como ela será contada, a tonalidade que os professores darão às suas experiências, e até mesmo os recortes que selecionarão para contar sua biografia mudarão. Em se tratando de outro momento, outro contexto, novas experiências serão atribuídas, entre outras mudanças. Afinal, “assim como a memória, a própria narrativa também não é um texto fixo e um depósito de informações, mas sim um processo e uma performance [...] como algo que acontece no presente em vez de apenas como um testemunho do passado” (Portelli, 2016, p. 19).

## **Identidade docente**

A identidade pode ser entendida como um aglomerado de posições que vão sendo atribuídas a alguém ao longo da vida e que vai se modificando e/ou sendo adicionadas novas conforme sua trajetória. Segundo Ciampa (1989, p. 65),

[...] não podemos isolar de um lado todo um conjunto de elementos — biológicos, psicológicos, sociais etc., — que podem caracterizar um indivíduo, identificando-o, e de outro lado a representação desse indivíduo como uma duplicação mental ou simbólica, que expressaria a sua identidade. Isso porque há como que uma interpenetração desses dois aspectos, de tal forma que a individualidade dada já pressupõe um processo anterior de representação que faz parte da constituição do indivíduo representado.

Desde antes de nosso nascimento, recebemos posições conforme nossos pais e nossa nacionalidade. Sou filho de “fulano”, sou brasileiro, sou homem ou mulher de acordo com minha certidão de nascimento, por exemplo. Durante a vida, ao passo que vamos fazendo escolhas e nos colocando em novas atividades, novos sentidos de identidade são atribuídos. Tanto nos atribuem, como atribuímos a nós mesmos. Voltando aos exemplos, podemos refletir sobre nossa identidade durante a vida e repensar, por exemplo, que nossa identidade de gênero condiz ou não com o que diz a certidão de nascimento. É a partir dessas posições que nos entendemos dentro da sociedade e desenvolvemos uma consciência do que éramos, somos e queremos ser. Assim, na concepção do autor: “Em cada momento de minha existência, embora eu seja uma totalidade, manifesta-se uma parte de mim como desdobramento das múltiplas determinações a que estou sujeito. Quando estou frente a meu filho, relaciono-me como pai; com meu pai, como filho; e assim por diante” (Ciampa, 1989, p. 67).

Todas essas reflexões acerca de quem somos estruturam as relações sociais por meio das atividades dos indivíduos. Elas refletem e/ou reagem sobre as estruturas sociais, conservando-as ou as transformando (Ciampa, 1989, p. 67). Apesar de fazermos essas reflexões a todo momento no desenrolar das relações sociais, é no processo biográfico que isso se faz mais forte, quando paramos tudo para um momento em que somos provocados a pensar em quem somos por meio das nossas memórias, ou melhor, buscando as respostas de quem somos hoje pelas lembranças do passado. Algo inacabado e próprio de si naquele momento de reflexão. É o que fala Delory-Momberger (2014, p. 344):

No momento biográfico, o sujeito se reconstrói segundo uma hipótese de si mesmo que se destaca do meio da multidão de possibilidades que constituem seu Horizonte e que ele considera provisoriamente verdadeira. Esta figuração do sujeito não é totalmente gratuita: o sujeito não inventa com o material de outrem, sua ficção lhe é própria, pertence-lhe, ela é ele próprio.

Durante a análise, notamos algo que se fez presente marcadamente em todas as entrevistas analisadas, em diferentes formas: o apreço pela docência. Apreço pelo que a docência representava para a sociedade, e pelos exemplos dos demais docentes que passaram por suas vidas. Isso vinha aliado à atuação, mais precisamente a relação com os estudantes e era questão fundamental não só para o ingresso na vida acadêmica, como para a permanência em atuação. Como disse o Prof. Granada (2021): “Essa é a essência, porque você não pode ser professor por escolha. Você tem que ser por opção, né?. E quando você se propõe a fazer algo, você tem que sentir pelo menos prazer naquilo. Pode até não ser amor, mas você tem que sentir prazer e responsabilidade”. Essa questão está ligada à identificação gerada com a própria profissão. No caso de professores, é a identidade docente que vamos tratar aqui.

Segundo Derouet (1988), a identidade profissional de professores é uma elaboração que perpassa a vida profissional em diferentes e sucessivas fases, desde a opção pela profissão, passando pela formação inicial e, de resto, por toda a trajetória profissional, construindo-se com base nas experiências, nas opções, nas práticas, nas continuidades e descontinuidades, tanto no que diz respeito às representações, como no que se refere ao trabalho concreto (*apud* Abrahão, 2016, p. 30).

Dentro das múltiplas experiências próprias da trajetória de cada indivíduo, um dos aspectos relevantes é também a relação de referência profissional que impacta o futuro professor durante sua formação básica e superior. Podendo ser um referencial positivo de práticas educacionais, formas de trabalho que inspiram a continuidade da trajetória, ou mesmo a negação e a descontinuidade de práticas que não fazem jus ao que o docente compreende por atuação profissional. Um exemplo disso foi a narrativa do Prof. Ônix (2021), visto que sua trajetória foi marcada por questões raciais, inclusive nas referências profissionais. Na sua fala:

No magistério, eu tive duas professoras negras. [...] Eu tive essa que eu falei do magistério, que era professora e diretora [cita o nome]. Uma mulher muito forte, muito empoderada, muito inteligente, sabe? Então a gente olhava para ela, eu olhava para ela, eu e minha irmã, [...]. E a gente olhava, era alguém que a gente queria ser, sabe? Como a dona [cita o nome], assim (Prof. Ônix, 2021)

Durante toda a sua trajetória, o professor está em constante formação profissional, entrando em contato com referências teóricas, com linhas de pensamento, conhecimentos etc., mas também com referências de atuação profissional de seus colegas, de professores que realizaram sua formação acadêmica, de reflexão sobre suas próprias práticas e no relacionamento com os estudantes. Comprendemos, então, que ensinar significa a “aquisição de destrezas e de conhecimentos técnicos”, mas também pressupõe um “processo reflexivo e crítico (pessoal) sobre o que significa ser professor e sobre os propósitos e valores implícitos nas próprias ações e nas instituições em que se trabalha” (Flores, 2004, p. 139). Dessa forma, a identidade docente é um ponto-chave para a atuação profissional destes sujeitos, mantendo viva a chama de querer ser professor. Nas palavras da Prof. Esmeralda (2020):

Eu não posso dizer que eu tive professores maus. Mesmo os maus foram bons. [...] Eu não sei se, se eu não tivesse professores bons se eu teria continuado. Porque a gente, pra ti ter uma ideia, a gente começou com 30 colegas. Se formaram 7. As pessoas desistiram. Umas porque eram frustradas mesmo, porque não tinham passado em outro vestibular. Outros por ser muito difícil. Tu estuda, tu decora, sei lá o que, tu entra no vestibular. Mas tu terminar a faculdade de letras, não é fácil, é pra quem quer mesmo. Quem realmente quer e quem gosta daquilo ali. Senão tu vai parando no meio do caminho. Teve umas, essa professora disse ó: quem não quer larga, por que não é pra vocês isso daí.

É notável, neste caso, que esse apreço pela docência e a referência profissional de professores figura como um dos fatores essenciais para a continuidade da formação e, enfim, a atuação profissional, pois é algo que está diretamente ligado à construção de uma identidade docente. Por isso, pesquisas sobre essas trajetórias são tão primordiais para a formação docente no sentido de beneficiar os alunos e futuros professores na compreensão de si mesmos na atuação docente (Flores, 2012, p. 96-97). Deve-se pontuar que a compreensão de sua trajetória, como no caso da Prof. Esmeralda (2020), não é uma descrição que busca ser completamente factual, uma descrição perfeita de seu passado, muito menos generalizar as experiências de todos os professores. Em verdade, “a identidade narrativa que se dá o Narrador pela organização em enredo de si mesmo nunca é mais que uma figura entre outras possíveis, destinada a ser indefinidamente retomada e revista” (Delory-Momberger, 2014, p. 317).

Dentro dessas metamorfoses de identidade, a narrativa de história de vida e o processo biográfico aparecem como instrumentos proveitosos para analisar essas mudanças e compreender quem somos, pois permitem buscar dentro do nosso percurso histórico todas as relações com os diversos personagens representados, negados ou criados, além de favorecer uma compreensão das diversas mudanças/alternâncias do contexto histórico-cultural de onde se fala (Lima, 2008, p. 93-94).

Com a análise e investigação, a atividade de narrar sua própria história se faz autoformativa por ser crucial quanto ao nosso sentido de identidade: “Saber o que fomos confirma o que somos. Nossa continuidade depende inteiramente da memória; recordar experiências passadas nos liga a nossos *selves* anteriores, por mais diferentes que tenhamos nos tornado” (Lowenthal, 1998, p. 83).

Por fim, quem entra em contato com outra narrativa, lendo o documento, ouvindo os áudios do relato de outro professor ou participando de um espaço de troca de narrativas, faz uma reflexão sobre si mesmo sendo profissional, colocando-se perante a pergunta: Quem sou eu na docência? Produzindo novas formas de se enxergar a profissão professor (Silva; Sirgado; Távira, 2012, p. 265).

## **O aspecto formativo do processo biográfico**

Dentro do campo acadêmico, existem trabalhos que se caracterizam mais como pesquisa e outros mais centrados na formação, porém, de acordo com Bragança (2018, p. 68), no que se refere à construção de biografias, podemos perceber “que mesmo quando o objetivo consiste no desenvolvimento de uma proposta de investigação, o fato de narrar a vida produz, potencialmente, um movimento de (trans)formação que envolve a todos, investigador/a e participantes”. Portanto, a troca de experiências, tanto de vida quanto profissionais, engrandece ambos os lados da conversa trazendo novas perspectivas, discussões e experiências que ajudam na formação do entrevistador e agregam na compreensão da vida/campo de atuação de todos os envolvidos. Torna-se possível até mesmo “estourar a bolha” da entrevista, como acontece aqui nesta pesquisa, sendo que, em contato com essas entrevistas, refletimos com a partilha analisada. Esse contato, aliás, pode ser realizado de diversas formas, tanto por intermédio da oralidade, da escrita, da imagética, de maneira videográfica quanto nas diversas produções que

os eixos do PERFORMA promovem. Vale frisar que em todos esses seus diversos modos de expressão, a narrativa “mobiliza processos reflexivos, conhecimentos e, assim, pesquisadores/as e sujeitos se formam em partilha, tendo como fios dessa formação as questões de estudo tematizadas” (Bragança, 2018, p. 68).

Reconhecemos tal processo como formativo, pois, além do caráter de evidência histórica do testemunho oral e de todas as nuances do processo biográfico que são analisadas pela psicologia, ele também permite a possibilidade de integrar conhecimentos, criar novas formas de ver o mundo, desenvolver um vínculo com o outro, entre diversas outras contribuições formativas que nem conseguimos notar no primeiro plano. De acordo com Santos (2016, p. 28), “reconhecer em histórias de vida relevância científica e social é uma atitude política, pois significa valorizar o intercâmbio de experiências”.

A questão formativa entra no conceito de experiência de Larrosa (2002) quando ele pensa na educação partindo da experiência como transformadora. “É experiência aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (Larrosa, 2002, p. 25-26). A experiência de pensar sobre nossa própria história é dar sentido ao que somos e ao que nos acontece por meio das palavras. O saber de passar por essa experiência é algo que está além do conhecimento científico. Não está fora, mas dentro de si, “somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo que é, por sua vez, uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo)” (Larrosa, 2002, p. 27).

Mais precisamente no campo das narrativas de história de vida, essa experiência de relembrar, ressignificar e reordenar suas lembranças para, então, narrar para outrem é formativa na medida em que construímos uma identidade, uma consciência histórica de si e de nossa trajetória. Um projeto de si e para si, que possui potencial de orientar e potencializar o indivíduo nas suas práticas dentro e fora de sala de aula por meio de sua valorização profissional. Articulado com Josso (2010, p. 65), é justamente nessa auto-orientação que marcamos o potencial formativo da narrativa biográfica.

O que está em jogo nesse conhecimento de si não é somente compreender como nos formamos e nos transformamos, ao longo de nossa vida, mediante um conjunto de vividos transformados em experiências, mas também tomar consciência de que esse reconhecimento de nós mesmos como sujeitos encarnados, mais ou menos ativos, ou passivos, segundo as circunstâncias, permite, doravante, visualizar nosso itinerário de vida, nossos investimentos e nossos objetivos, com base numa auto-orientação possível, numa invenção de si, a qual articula mais conscientemente nossas heranças, nossas experiências formadoras, nossos pertencimentos, nossas valorizações, nossos desejos e nosso imaginário as oportunidades socioculturais que saberemos apreender, criar e explorar, para que advenha um se que aprende a identificar e a combinar obrigações e margens de liberdade.

Por suas experiências em palavras, cumpre um papel de homogeneização dos acontecimentos do dia a dia que pertencem aos contextos heterogêneos. A narrativa, como gênero textual, é firmada neste caso como uma ferramenta de reflexão e autoformação. Permite ao autor (re)conhecer em uma vivência um percurso acabado (mesmo que ainda não esteja) e (re)conhecer-se dentro deste discurso construído.

Narrando sua vida, o indivíduo ordena, tematiza, interpreta usar acontecimentos de sua existência segundo uma coerência de forma e de sentido: tendo sobre sua vida e sobre si mesmo um discurso que responde aos princípios de sucessão e de causalidade da narrativa como gênero, ele dá sentido a uma vivência multiforme e esparsa. A narrativa cumpre no material indefinido da vivência um trabalho de homogeneização, de ordenação, de funcionalidade significativa no qual o indivíduo encontra o princípio de uma consciência unificada de sua existência e de si mesmo (Delory-Momberger, 2014, p. 337).

Todo esse processo, como já pincelamos ao longo do texto, ocorre dentro da coletividade. Quando se conta sua história para alguém que se reconhece como se estivesse diante de um espelho. No caso específico da profissão docente, mais que uma parte do instrumento metodológico, a coletividade como troca de experiências é, para o professor, um espaço de construção profissional. Como traz tão bem Nóvoa (2019): “Ninguém constrói novas práticas pedagógicas sem se apoiar numa reflexão com os colegas. Ninguém, sozinho, domina completamente a profissão” (Nóvoa 2019, p. 10). Pelo contrário, “tornar-se professor [...] obriga a refletir sobre as dimensões pessoais, mas também sobre as dimensões coletivas do professorado. Não é possível aprender a profissão docente sem a presença, o apoio e a

colaboração dos outros professores” (Nóvoa, 2019, p. 6). Em um momento de individualização do ensino e dos profissionais da educação, são indispensáveis processos formativos que defendam a coletividade da profissão.

Os desafios perpassam tanto a formação inicial, a inserção de novos professores no dia a dia da profissão, quanto a formação continuada e as discussões acerca das mudanças e do desenvolvimento da profissão. São as chamadas “metamorfozes da escola”, assim concebidas por Nóvoa (2019, p. 10), visto que precisamos de “professores empenhados em um trabalho em equipe e em uma reflexão conjunta. É aqui que entra a formação continuada, um dos espaços mais importantes para promover esta realidade partilhada”. A partir do coletivo, pensamos o futuro da profissão docente e de nossa atuação como profissional.

Os atos de narrar, lembrar e ouvir o relato do vivido estão totalmente ligados em nossa constituição como seres humanos, visto que nos apropriamos da experiência alheia e a convertemos em algo que produz sentido pessoal e nos constitui. Quando falamos de espaço coletivo, falamos de troca de experiências, não necessariamente experiências passadas, mas também a experiência de estar nesse espaço desenvolvendo atividades. Ou seja, a troca de experiências biográficas é uma possibilidade que se estabelece entre os docentes para repensar e se reposicionar diante de suas trajetórias profissionais, analisando aspectos em comum ou dissonantes (Silva; Sirgado; Tavira, 2012, p. 272). Ou, em outras palavras, “é na experiência que nos remodelamos, feito um bloco de argila, que assume infinitas formas ao ser tocado, pensado, modelado e sentido” (Pillotto; Camargo; Gomes, 2022, p. 2).

É nessa compreensão e defesa de uma coletividade na formação de professores, sem deixar de valorizar a experiência individual de cada um, que percursos formativos, como o PERFORMA aqui estudado, figuram como fundamentais. O engrandecimento da profissão docente pensando nas práticas e atuações, nos sujeitos que se formam quando também formam outros, passa por qualificação e pesquisa: por uma reflexão de seu papel coletivo e individual, com a criação e desenvolvimento das práticas pedagógicas.

## Considerações finais

As entrevistas analisadas permitiram a visualização do que os autores pesquisados falavam sobre os conceitos pertinentes ao campo da biografia e do trabalho com a formação

docente continuada. O espaço de rememoração e reflexão promovido pela atividade biográfica possibilitou aos professores a organização de suas memórias por meio de palavras, atribuindo significado às suas experiências e construindo uma identidade profissional e pessoal. A partir disso, o indivíduo se potencializa por intermédio de uma valorização de si, resultado de uma visão mais ampliada sobre suas práticas dentro e fora da sala de aula. Além do espaço formativo, as entrevistas constituem um acervo que permite a investigação a respeito dos diversos aspectos da docência, desde práticas da atuação profissional até as identidades assumidas por estes sujeitos ao longo da vida. Revela a relação entre presente e passado própria da memória por meio da forma como os professores organizam suas experiências em palavras, tomando escolhas e fazendo recortes de sua experiência durante o processo de lembrar e esquecer. Ademais, promove memórias, afetos, reflexões e colabora no processo de vínculo entre professor participante e pesquisador assistente, aspecto que contribui muito com o percurso formativo durante os demais eixos de atuação posteriores à entrevista biográfica.

No caso do PERFORMA, projeto alvo da investigação viabilizada, estes aspectos mencionados se fizeram presentes de forma potencializada pelas diversas produções realizadas nos encontros seguintes, que tiveram na entrevista biográfica sua base e o vínculo necessário para sua continuidade. A importância dos professores para a sociedade reforça a relevância de pesquisas que ampliem o saber docente e que, coletivamente, possa contribuir também com a formação de sujeitos por meio da reflexão que as narrativas promovem, sem perder o foco dos problemas sociopolíticos que a educação enfrenta na contemporaneidade.

## Entrevistas orais

Acervo do Eixo Biográfico de 2020.

PROFESSOR DIAMANTE. Depoimento. **Entrevista concedida ao PERFORMA.** Joinville, 20 out. 2020.

PROFESSOR RUBI. Depoimento. **Entrevista concedida ao PERFORMA.** Joinville, 13 out. 2020.

PROFESSORA ESMERALDA. Depoimento. **Entrevista concedida ao PERFORMA.** Joinville, 4 nov. 2020.

PROFESSORA SAFIRA. Depoimento. **Entrevista concedida ao PERFORMA**. Joinville, 4 nov. 2020.

Acervo do Eixo Biográfico de 2021.

PROFESSOR QUARTZO. Depoimento. **Entrevista concedida ao PERFORMA**. Joinville, 2 jun. 2021.

PROFESSOR GRANADA. Depoimento. **Entrevista concedida ao PERFORMA**. Joinville, 18 maio 2021.

PROFESSOR ÔNIX. Depoimento. **Entrevista concedida ao PERFORMA**. Joinville, 2 jun. 2021.

PROFESSORA JADE. Depoimento. **Entrevista concedida ao PERFORMA**. Joinville, 1º jun. 2021.

## Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Intencionalidade, reflexividade, experiência e identidade em pesquisa (auto)biográfica: dimensões epistemo-empíricas em narrativas de formação. *In*: BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FERREIRA, Márcia Santos. **Perspectivas epistêmico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**. Curitiba: CRV, 2016, v.1, p. 29-50.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. *In*: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair. **Psicologia sócio-histórica**: uma perspectiva crítica em psicologia. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Pesquisa formação narrativa (auto)biográfica: trajetórias e tessituras teórico-metodológicas. *In*: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; CUNHA, Jorge Luiz; BÔAS, Lúcia Villas. **Pesquisa (auto)biográfica**: diálogos epidêmico-metodológicos. Curitiba: CRV, 2018, v.1, p. 65-81.

CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. *In*: LANE, Silvia T. M.; CODO, Wanderley (orgs). **Psicologia Social**: O homem em movimento. 8.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **As histórias de vida**. Da invenção de si ao projeto de formação. Natal: UFRN; Porto Alegre: PUCRS; Salvador: UNEB, 2014.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

FLORES, Maria Assunção. A formação de professores e a construção da identidade profissional. *In*: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; SIMÃO, Ana Margarida Vieira da Veiga. **Autorregulação da aprendizagem e narrativas autobiográficas: epistemologia e práticas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 93-111.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Natal: UFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan-abr. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 26 out. 2023.

LIMA, Aluísio Ferreira de. Dependência de drogas e psicologia social: um estudo sobre o sentido das oficinas terapêuticas e o uso de drogas a partir da teoria de identidade. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, pp. 91-101, abr. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000100010>. Acesso em: 17 jun. 2021.

LIMA, Aluísio Ferreira de. História oral e narrativas de história de vida: a vida dos outros como material de pesquisa. *In*: LIMA, Aluísio Ferreira de; JUNIOR, Nadir Lara. **Metodologias de pesquisa em psicologia social crítica**. 1. cap. Porto Alegre: Editora Sulina, 2014.

LOWENTHAL, David.; HADDAD, Lúcia.; MALUF, Mariana. COMO CONHECEMOS O PASSADO. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, São Paulo, v. 17, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11110>. Acesso em: 29 jul. 2024.

NÓVOA, António. Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 3, e84910, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623684910>. Acesso em: 03 jun. 2022.

PEREIRA, Marcos Villela. Sobre histórias de vida e autoformação: um enfoque ético e estético. *In*: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.) **(Auto)Biografia e Formação Humana**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 123-138.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte.; CAMARGO, Jaqueline Almeida.; GOMES, Allan Henrique. Percursos formativos na educação: experiências estéticas, memórias e narrativas. **Dialogia**, São Paulo, n. 41, p. 1-15, e21215, maio/ago. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/41.2022.21215>. Acesso em: 9 set. 2022.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SANTOS, Juliana Testoni dos. **Professoras atuantes no atendimento educacional especializado e suas histórias de vida**: um estudo sobre identidade docente. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2016.

SILVA, Daniele Nunes Henrique; SIRGADO, Angel Pino; TAVIRA, Larissa Vasques. Memória, narrativa e identidade profissional: analisando memoriais docentes. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 32, n. 88, p. 263–283, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622012000300002>. Acesso em: 9 set. 2022

TENÓRIO, Jeferson. **Professores**: a última trincheira contra a barbárie. GaúchaZH, Porto Alegre, 23 dez. 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/jeferson-tenorio/noticia/2020/12/professores-a-ultima-trincheira-contra-a-barbarie-ckj0hh86u0003019w09ct3rfk.html>. Acesso em: 21 nov. 2021.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes (org.). **Experimentos com histórias de vida**: Itália-Brasil. São Paulo: Edições Vértice, 1988.